

---

## Intercom e Ciespal: experiências latino-americanas que não isolaram o conhecimento em Comunicação<sup>1</sup>

Rodrigo GABRIOTI<sup>2</sup>  
ESAMC, Sorocaba, SP

### RESUMO

A pandemia do coronavírus faz de 2020 um ano atípico e impõe ao mundo um problema comum. O isolamento social é a medida paliativa para evitar a transmissão de casos que se proliferaram e causaram milhares de mortes ao redor do globo. Sem o contato presencial, a alternativa foi aderir aos espaços virtuais. E isso não foi diferente para a disseminação do conhecimento em Comunicação. Neste artigo, trazemos as experiências latino-americanas da Intercom e do Ciespal. A primeira com um conjunto de 19 *lives*, duas por semana, a partir de temáticas propostas por seus Grupos de Pesquisa. E a segunda, por meio de eventos mais pontuais. Pela análise de suas divulgações, é que mostraremos a importância dessas ações no momento para o conhecimento em Comunicação adequando os conteúdos à revisão bibliográfica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciespal; Comunicação; Conhecimento; Intercom; *Lives*.

### A REALIDADE, AGORA, EM TELAS

Para quem lê este texto, na tela do computador ou por qualquer outro suporte móvel, talvez sejam imperceptíveis as mudanças que o momento vivido implica. Aparentemente, trata-se de mais um artigo baixado nos Anais de um Congresso ou que se compartilha entre os pares. Ações que se repetiram diversas vezes entre pesquisadores ao longo do tempo. Porém, implicitamente, vem o diferencial na forma como ele foi apresentado e discutido: em uma sala virtual, na Internet, no contexto da co-presença, onde cada indivíduo deu sua contribuição diretamente de casa, do escritório ou de qualquer outro ambiente interativo e não de interação como em uma sala de aula de uma universidade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP América Latina, Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor coordenador do curso de Jornalismo da Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação (ESAMC) Sorocaba, e-mail: [rgabrioti@hotmail.com](mailto:rgabrioti@hotmail.com).

---

Este cenário é resultado da pandemia da Covid-19, oficialmente declarada pela Organização Mundial de Saúde, em 12 de março de 2020. Vivemos mundialmente um ano particularíssimo, atípico, complicado, “institucionalizado” por alguns como Novo Normal, e que traz para si um problema sanitário comum, o qual teve o desleixo do governo brasileiro, uma discussão que vale apontar, mas por ora, não aprofundada por não ser este o momento, afinal, para isso faltaria espaço haja vista as mais de 100 mil vidas perdidas no Brasil, às quais, desde já, registramos aqui a nossa homenagem.

Em um momento quando todos precisaram se adaptar, o campo científico também não se excluiu. É o que demonstram as iniciativas da Intercom, a Sociedade Brasileira para os Estudos Interdisciplinares da Comunicação; e do Ciespal, *Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina* cujas contribuições são analisadas neste trabalho. A escolha de ambas as instituições atende à proposta do GP América Latina Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais em discutir problemas tipicamente latino-americanos. E, no caso, um fenômeno emergente que envolve a cultura e as tecnologias digitais: as transmissões via internet como ferramenta de produção de conhecimento online em meio à pandemia.

Esta discussão se permeia teoricamente pelas noções de aspectos técnicos, meios de transmissão cultural e a construção do conhecimento nas visões de Marshall McLuhan, John Thompson, Paul Feyerabend, entre outros. Logo após nossa fundamentação teórica, fazemos uma análise documental pelos vídeos e postagens ligados às produções da Intercom e do Ciespal observando visualizações, curtidas, comentários e compartilhamentos pelo Youtube e pelo Facebook.

O contexto do uso da tecnologia, nas questões cotidianas, incide sobre a clássica frase de McLuhan: o meio é a mensagem. Para o autor, os meios de comunicação vinculam o homem ao homem, logo, se tornam suas extensões e formam um meio ambiente pelo qual o indivíduo se move, se projeta e se forma, chegando a uma segunda natureza. Por este prisma, é possível considerar que a tecnologia dos computadores e celulares forma meios de extensão, materializados na presença humana em ambientes virtuais que simbolicamente se configuram presenciais e que trabalham o imaginário de todos os envolvidos que ingressam nesse espaço com um objetivo comum como se todos estivessem em uma reunião presencial, tangível.

---

A ideia de que o meio é a mensagem deriva do pressuposto que um conteúdo, transmitido por meios diferentes, terá efeitos sociais diversos. Esta assertiva é apontada por Gabriel Cohn (1971) como a maior contribuição de McLuhan e se aplica às realidades que vão ser descritas no presente artigo que se propõe a discutir que o conhecimento difundido em congressos e periódicos tem o mesmo princípio das *lives* – a nomenclatura dada para as transmissões ao vivo –, porém, essas formas de divulgação evidentemente geram efeitos sociais diversos. Apesar de a Internet exigir dispositivos, tecnologias e custos, exceção ao aspecto da interação presencial, será que os mesmos eventos, na modalidade presencial, teriam igual intensidade de participação considerando que para sua realização há deslocamentos, cumprimento de horários, custos, etc.? Como McLuhan in Cohn (1971, p. 367) diz “[...] os efeitos de um meio de comunicação são inseparáveis do próprio meio”. É por isso que atualmente o uso intensivo e praticamente único das tecnologias já proporciona efeitos como a ampliação do *home office*, das aulas à distância para alunos e professores, o serviço *delivery*, etc.... Até mesmo a lógica do trabalho jornalístico está alterada. Basta se atentar, por exemplo, às emissoras de televisão e perceber o montante de entrevistados aparecendo por meio de aplicativos; os repórteres fazendo suas aparições de máscara cujo uso é obrigatório e quando o entrevistado se encontra com a equipe de reportagem, ele empunha o microfone da emissora guardando distanciamento seguro.

Além dos conceitos “o meio é a mensagem” e “os meios de comunicação como extensões do homem”, McLuhan também tratou da aldeia global cujo advento dos meios eletrônicos ultrapassaria os nacionalismos para viabilizar as narrativas orais. E isto vem se dando haja vista os dispositivos tecnológicos rompendo com a ideia de local, reunindo pessoas para apresentações orais diante de telas onde a grande atração se tornou conhecer o ambiente em que elas se encontram.

As ideias de McLuhan ainda provocam críticas e adesões. Na perspectiva crítica, trazemos para este debate, Gabriel Cohn (1971). Ele usa outras formas para dizer que a tecnologia, tida por McLuhan como maravilha é, na verdade, um controle dos homens pelos *media*. Tanto que Cohn (1971, p. 368) reforça: “[...] os efeitos dos meios de comunicação são suscetíveis de controle, mas somente através daqueles que detêm o domínio dos próprios *media*, e não do lado dos consumidores das mensagens que eles veiculam”. Nesta perspectiva crítica de Cohn, McLuhan atendeu a conveniência de quem

---

detém o poder fazendo disto uma utopia tecnológica, já que o homem segue sendo controlável.

Por outro lado, Osvando José de Morais (2020), em uma releitura desdobrada dos conceitos de McLuhan, traz a perspectiva de que a sociedade lida com uma tecnologia que se inova rapidamente e cujas potencialidades perduram como incógnitas ao conhecimento do homem comum. Morais (2020) retoma a ideia de *medium*, de McLuhan, que é a da tecnologia criar extensões, o que faria com que suas teorias e conceitos antecedessem, em quase meio século, a Idade das Redes. Para Morais (2020, p. 24), “muito do que se discute hoje são atualizações de McLuhan”. E por que ele alude a isso? Porque McLuhan antecipou que o público não era mero receptor, mas um coprodutor que participa promovendo a interatividade, um produto das extensões, com a capacidade de transformar as realidades e seus papéis na sociedade.

E a condição de distanciamento social que experimentamos em função da pandemia coincide no que Morais (2020, p.26) aponta, neste século XXI, para os processos praticamente individualizados e não mais constituídos como fenômeno grupal, configurando assim, um isolamento ao qual o homem estaria sujeito nos grandes centros urbanos. De acordo com o autor (2020, p. 26)

Tal isolamento torna-se natural – inclusive por uma questão de segurança, evita-se sair de casa e a informação que chega aos lares, via *web*, televisão, celulares e por todos meios interativos possíveis (sic). Agora, as experiências são quase que individuais e mesmo os compartilhamentos através da Internet ficam no plano do intangível, virtual, à distância.

As ideias de McLuhan são clássicas e reproduzidas pelos autores mencionados em momentos distintos com um intervalo de 50 anos. Percebe-se que mesmo com olhares diferenciados e, com meio século passado, a questão da extensão não se esvai e é matriz do pensamento mcluhaniano. Assim a lógica atual da tecnologia está voltada aos seus usos. E isto nos parece, seja pela crítica, seja pela adesão, que McLuhan dá razão à discussão de ambos e segue fazendo sentido para delinear o momento tecnológico que estamos vivendo, afinal ao mesmo tempo que estende, ela também não é totalmente uma maravilha.

---

Como matriz desse pensamento, a extensão permeou a perspectiva de outros autores como Manuel Castells (1999) que reconhece a existência de uma sociedade em rede na qual a comunicação interativa de base eletrônica e transmissão digital organiza as práticas sociais do planeta. Anos depois, o próprio Castells (2013) conceitua que passamos da Comunicação de Massa para a Auto Comunicação de Massa. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Clay Shirky (2011) considera que as redes geram valores comuns com a vantagem de uns acessarem aos outros, por isso, o uso de uma tecnologia social é pouco determinado pelo próprio instrumento.

Mas o instrumento é visto por John B. Thompson (1995) como uma das formas simbólicas que se associam ao aparato institucional em que o próprio meio e os usuários estão inseridos, afinal, uma forma simbólica é produzida e transmitida por um meio técnico de transmissão que concentra graus de fixação altos ou baixos. Trazendo estas perspectivas à realidade de hoje, experimentamos como meios técnicos inúmeras plataformas como Zoom, Teams, Whatsapp com suas chamadas de vídeo, etc. que emergiram na pandemia. E por meio deles, o aparato institucional envolve conexão, emissão de áudio e imagem para se concentrar nos principais. Dados esses fatores, percebe-se a sensação de um pertencimento de presença que nada mais é do que simbolicamente se sentir inserido naquela discussão como se fosse um ambiente real até porque é possível visualizar as telas alheias ou ainda saber quem também está compartilhando aquele momento. De acordo com ele (1995, p. 225-226),

A suplementação da fala através de certos meios técnicos [...] podem facilitar o distanciamento espacial ao mesmo tempo que garantem uma co-presença temporal: uma fala pode ser transmitida por vastas distâncias de maneira que seja virtualmente instantânea e transitória.

A forma simbólica se dá no presente e também no registro, uma vez que há uma série de eventos que após a transmissão ao vivo permanecem em outras redes como o Youtube, por exemplo. Desta forma, como pontua Thompson (1995), elas são rotineiras e continuamente apresentadas a nós. Em todo o contexto das articulações institucionais, o autor aponta que existem regras, recursos e relações. E isto temos visto nos ambientes virtuais onde há regras como não abrir áudio e vídeo por questões até mesmo de não haver interferência na qualidade da transmissão técnica de quem faz uso do meio para se apresentar.

## A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO PELAS LIVES

Esta opção em analisar o contexto das *lives* encontra respaldo nesta afirmação de Cicilia Peruzzo (2020, p. 464):

*El objeto de las ciencias humanas y sociales es dinámico, está siempre en movimiento histórico y tiene su eje conductor en las personas e instituciones que producen, en su tiempo, las configuraciones de la vida en la sociedad.*

O atual momento nos faz avançar, a partir do olhar de Peruzzo (2020) para transpor o que José Marques de Melo (2014) disse a respeito dos fenômenos da Comunicação, sempre estudados, no Brasil, de forma efêmera ou utilitária sem a noção de construir um acúmulo de conhecimento, o que faz o campo – no entendimento dele – ter ainda uma existência carente de reconhecimento por ser relativamente jovem cujo espaço débil luta pela inclusão no universo científico e por sua legitimação social a passar pelo crivo da academia e pelo reconhecimento da opinião pública.

Quando pensa na utilidade e na finalidade do conhecimento, Paul Feyerabend (2010) questiona: para quem fazemos isso? Segundo ele, sabe-se que muitos fatos ficam enterrados em publicações científicas, manuais, cartas e discos rígidos. Assim sua sugestão é para que os autores de um campo se leiam mais, de forma atenta, para certas descobertas não se revelarem por acidente.

As *lives* em abundância, não apenas no campo da Comunicação, podem representar um exercício de autorreflexão ao qual a ciência se atrela porque se trata de um ambiente formado por indivíduos, em constante revisão, e que buscam contribuir com um novo ponto de vista em face de tantos outros eventos testados a favor do conhecimento. Conhecimento, aliás, que Francis Bacon considera sem valor em si a não ser pelos resultados práticos que possa gerar colocando isto à disposição das necessidades do homem. Isto impõe que não se concebe o homem sem a natureza e nem a natureza sem o homem, de forma que experiências e conhecimentos são transmitidos, de geração para geração, para que as novas gerações não se voltem ao ponto de precedência. Diz Bacon in Andery (1996, p. 10):

É o processo de produção da existência humana porque o homem não só cria artefatos, instrumentos, como também desenvolve idéias (conhecimentos, valores, crenças) e mecanismos para sua elaboração (desenvolvimento do raciocínio, planejamento...). A criação de instrumentos, a formulação de idéias e formas específicas de elaborá-los – características identificadas como eminentemente humanas – são fruto da interação homem-natureza. (BACON in ANDERY, 1996, p.10)

Esta prática em curso nos leva ao que Rolando García (2006) chama de faixa da História da Ciência e da Epistemologia, ou seja, a partir das práticas das *lives* ou atividades à distância similares, se compreende a ciência em seu conteúdo inteiro com marcos conceituais e concepções de mundo.

Assim passamos a tratar de duas instituições latino-americanas que, em meio à pandemia, não cessaram atividades para promover o conhecimento em Comunicação: Ciespal (Equador) e Intercom (Brasil). Para este artigo, consideramos as ações até o dia 2 de julho de 2020. O Ciespal<sup>3</sup> foi criado, em 1959, e sua origem está ligada à Unesco como órgão universitário autônomo. A Intercom é de 1977 e se consolida como entidade de pesquisa do campo da Comunicação.

No período observado, o Ciespal realizou cinco eventos. O primeiro, *Hackatón Post-Cris*, apresentou nos dias 29 e 30 de abril, de forma online, propostas cidadãs para o mundo depois da crise. Medidas do Ciespal com Giz Equador, Aliança para o Empreendedorismo e a Inovação (AEI) e a Rede de Pesquisa em Conhecimento, Software e Hardware Livre se perguntam como pensar fora da Internet. O evento criou 33 alianças, a partir da reunião com instituições e organizações que agregaram suas capacidades. Mais de 40 pessoas com 480 participações de ideias que se concentraram em 10 temas, entre eles, a Comunicação. Sobre Comunicação, trataram de Conhecimento em Mídia e Informação; Desinformação e Pensamento Crítico; Ciência Aberta e acesso ao conhecimento científico como um direito; Verificação de fatos para verificar, conter e combater a desinformação; Redes Sociais e linguagem de ódio; sociedade inclusiva do conhecimento; Tecnologia e línguas indígenas; Comunicação e Tecnologia com perspectiva de Gênero. No total, foram 662 membros e 10 salas de trabalho.

Outro evento, no dia 28 de maio, foi a apresentação do livro *Arte y oficio de la investigación científica: cuestiones epistemológicas y metodológicas*”, editado por Jorge A. González (UNAM – México) e Cicilia Peruzzo (UERJ – Brasil). A transmissão ao

---

<sup>3</sup> No site [www.ciespal.org](http://www.ciespal.org), é possível conhecer toda a história do Ciespal.

---

vivo do lançamento se deu pelo Canal do Ciespal, no Youtube, e teve a duração de 2 horas, 9 minutos e 9 segundos. Os comentaristas da apresentação foram Giovandro Ferreira (Brasil); Karine Herrera Miller (Bolívia) e Gerardo León Barrios (México).

Já no dia 23 de junho, foi realizada a Webrádio de Leitura Crítica Pós-Pandêmica de Mídia, parceria do Ciespal com a Aler. O objetivo foi promover a leitura do contexto, o tratamento informativo, os algoritmos, os direitos digitais e as intervenções transnacionais. Também foram discutidas as diferenças no tratamento informativo da mídia comunitária e da mídia hegemônica corporativa assim como a leitura crítica da mídia. A transmissão durou 1 hora, 32 minutos e 10 segundos e teve a participação de Claudia Villamayor (Argentina), Mauro Cerbino (Equador), Maryclen Stelling (Venezuela) e Gerardo Ojeda (México).

O lançamento do livro “*Porque somos memoria: relatos em família y testimonios de la Zaruma del Siglo XX*” foi o evento do dia 25 de junho, no *Streaming* do Facebook. Durante 1 hora, 17 minutos e 45 segundos, Efendy Maldonado, Martha Romero e Camilo Molina debateram o assunto.

E para fechar, no dia 9 de julho, pelo Zoom, houve a apresentação do livro “*Youtube y la Comunicación del siglo XXI*” com Andrea de Santis e Ángel Torres que partiram da premissa do Google Trends de que o Youtube é a segunda rede social de maior impacto, no mundo, o que mostra sua relevância como fenômeno coletivo e objeto de estudo para a pesquisa científica.

## **LIVES INTERCOM**

Sem a possibilidade de realizar seus congressos e eventos presencialmente, a Intercom aderiu às *lives* para se entronizar nesse contexto imposto pela pandemia. Entre 5 de maio e 7 de julho, foram realizados 19 encontros virtuais, sempre às terças e quintas, sob mediação das professoras diretoras, Nair Prata e Sônia Jaconi. Tudo foi transmitido pela Plataforma Zoom, com inscrições prévias, e abertamente pela conta da Intercom, no Facebook. Todo o conteúdo está disponível no Canal da entidade, no Youtube. Os participantes que acompanharam 75% das *lives* receberam certificado. No quadro a seguir, a relação de *lives*:



**Quadro 1 – Lives Intercom**

<b>Data</b>	<b>Live</b>	<b>Duração</b>
05/05/20	1. Um mundo e muitas vozes: da utopia à distopia	1h 9min 19seg
07/05/20	2. Os desafios da Comunicação Gerencial no mundo em transformação	1h 19min 23seg
12/05/20	3. Jornalismo em tempos de pandemia e autoritarismo	1h 43min 10seg
14/05/20	4. Flagelo dos corpos: a pandemia e o agravamento das precariedades	1h 35min 23seg
19/05/20	5. Performances em rede durante a pandemia: presença, vigilância e nostalgia no isolamento social	1h 37min 37seg
21/05/20	6. Utopias e distopias do trabalho digital	1h 33min 6seg
26/05/20	7. Fakenews, mídias sociais e religiões	1h 26min 26seg
28/05/20	8. Mediação segundo a Economia Política da Comunicação	1h 43min 22seg

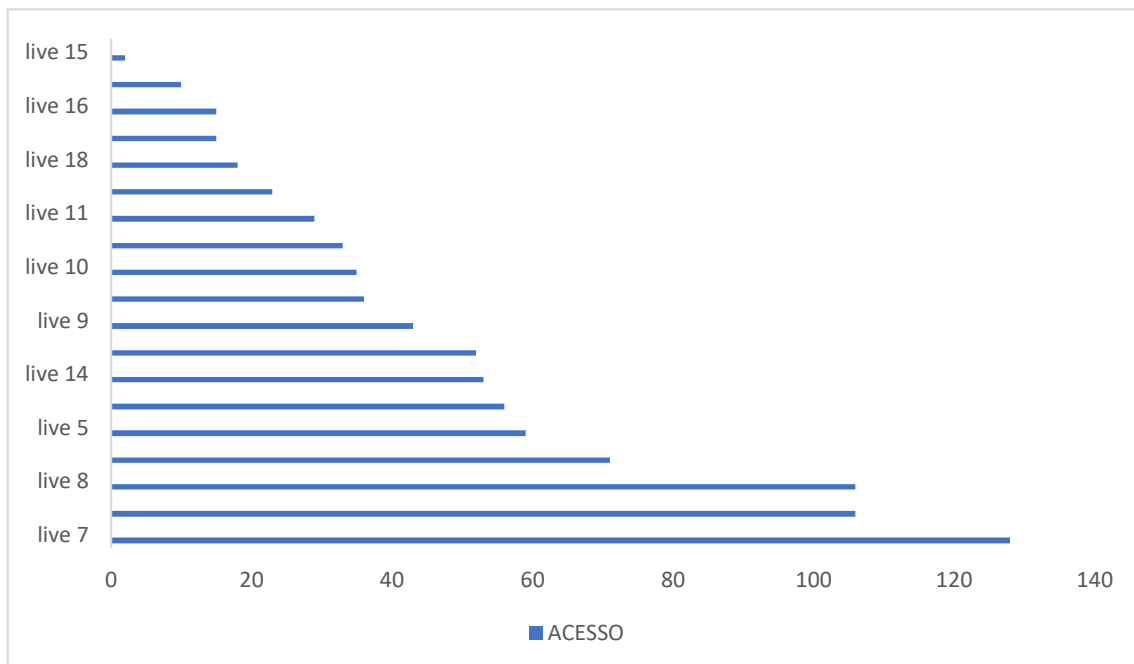
02/06/20	9. Som e Música em tempos de pandemia	1h 42min 47seg
04/06/20	10. O rádio na crise da Covid-19	1h 49min 12seg
09/06/20	11. Polifonia e Alteridade: Comunicação e Educação em época de Covid-19	1h 43min 29seg
11/06/20	12. Perspectivas contemporâneas da Folkcomunicação	1h 42min 8 seg
16/06/20	13. A pesquisa de televisão e televisualidades na Intercom: continuidades, rupturas e perspectivas	1h 43min 28seg
18/06/20	14. A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia	1h 27min 15seg
23/06/20	15. Esporte e Olimpismo: entre utopias e distopias	1h 38min 44seg
25/06/20	16. O fim do cinema?	1h 42min 18seg
30/06/20	17. A escassez dos recursos de Comunicação em diferentes escalas – a	1h 32min 53seg

	utopia de um país conectado na pandemia de 2020	
02/07/20	18. Comunicação para Cidadania em tempos de Covid-19	1h 55min 45seg
07/07/20	19. As mídias e a pandemia	1h 47min 32seg

O balanço divulgado pela diretoria da Intercom apontou que 2.595 pessoas se inscreveram para participar dos encontros que tiveram a participação de 77 pesquisadores e profissionais de mercado, sendo três das TV's Globo, SBT e Record. Representantes de 41 instituições, de todas as regiões do Brasil, participaram: ESAMC, ESPM-RJ, ESPM-SP, Estácio, Facha, Fatec, FBN, PUC-MG, PUCRS, UEL, UERJ, UESC, UFABC, UFAL, UFBA, UFF, UFJF, UFMG, UFMS, UFOP, UFPE, UFRB, UFRGS, UFRJ, UFRR, UFS, UFSC, UFSCar, Umesp, UnB, Unesp, Unicamp, UNIFESP, UNIFLU, UNIPAMPA, Unisanta, UNISC, Unisinos, Uniso, USP e UTP. Dentro disto, 20 temas diferentes foram abordados sendo que metade envolveu a pandemia da Covid-19. As discussões das *lives* se transformam no e-book *Desafios da Comunicação em tempo de pandemia: um mundo e muitas vozes*, com lançamento neste 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Intercom que, em 2020, é virtual.

Aplicada a pesquisa documental, visitamos o Canal da Intercom, no Youtube, e sua página no Facebook para saber quais *lives* tiveram mais acesso. O quadro, a seguir, mostra a ordem de visualizações no Youtube considerando da maior para menor.

## Quadro 2 – Visualizações no Youtube



Quando analisado o canal da Intercom, no Youtube, a *live* mais visualizada foi a 7, *FakeNews, Mídias Sociais e Religiões* com 128 visualizações enquanto a menos vista, neste espaço em questão, foi a número 15, *Esporte e Olimpismo: entre utopias e distopias*, com duas visualizações.

No Facebook, observamos quatro situações: visualizações, curtidas, comentários e compartilhamentos. É preciso destacar que as *Lives 7 e 8* não foram disponibilizadas na rede social da Intercom. Começamos pelos indicadores das Visualizações, demonstrados no quadro a seguir e que resultam a *Live 9, Som e Música em Tempos de Pandemia*, como a mais vista, e a *Live 1, Um mundo e Muitas Vozes: da Utopia à Distopia*, com o menor número de acessos.

## Quadro 3 – Visualizações no Facebook

LIVES	VISUALIZAÇÕES
Live 9	1500
Live 3	1400
Live 6	1400
Live 13	1200
Live 5	1100
Live 11	1100
Live 14	1100

Live 15	1100
Live 16	1100
Live 10	1000
Live 17	936
Live 19	887
Live 4	873
Live 2	839
Live 12	761
Live 18	531
Live 1	455

A *live* mais visualizada também foi a mais curtida. E a menos visualizada, a menos curtida no Facebook. *Som e Música em Tempos de Pandemia* recebeu 90 curtidas e *Um mundo e Muitas Vozes: da Utopia à Distopia*, 18. Esta primeira *live* não recebeu nenhum comentário ao passo que a *live* 10, *O rádio na crise da Covid-19*, foi a que gerou mais comentários: 118. A seguir, o número de comentários por *live*:

#### Quadro 4 – Comentários no Facebook

LIVES	COMENTÁRIOS
Live 10	118
Live 14	101
Live 6	77
Live 9	53
Live 5	44
Live 13	42
Live 15	38
Live 11	36
Live 12	31
Live 19	24
Live 16	24
Live 4	22
Live 18	19
Live 2	11
Live 3	10
Live 17	9
Live 1	0

**Quadro 5 – Compartilhamentos no Facebook**

<b>LIVES</b>	<b>COMPARTILHAMENTOS</b>
Live 13	16
Live 15	15
Live 14	14
Live 10	12
Live 16	12
Live 17	12
Live 6	10
Live 11	9
Live 4	6
Live 5	6
Live 12	6
Live 19	6
Live 9	5
Live 2	3
Live 3	3
Live 18	3
Live 1	1

Pelos dados apresentados, podemos entender que, no Youtube, as pessoas que acessaram o Canal da Intercom demonstram o interesse na mídia do momento, as Redes Sociais, e um fenômeno extremamente atual: as FakeNews. Quando observamos o comportamento de quem acessou o Facebook, da Intercom, é possível compreender que temos entre as *lives* mais visualizadas, a que traz o som e a música como tema. Um sinal de que em tempos de pandemia, as pessoas buscam alternativas para não se concentrarem apenas nos assuntos mais preocupantes da doença, ou seja, elas tentam espairecer diante de riscos como as doenças mentais/comportamentais (depressão/síndromes, etc...). O fato da *live* 1 ser a última de todos os quesitos avaliados não é uma preocupação nem um sinal de que ela foi menos interessante que as demais. É que ela serviu de parâmetro para tratar o tema central que a Intercom discute este ano – Um Mundo e Muitas Vozes – como aspecto de celebração aos 40 anos do Relatório MacBride. Entretanto, ao observamos as mais comentadas, curtidas, compartilhadas e visualizadas, há um aspecto mais de preocupação profissional haja vista que o rádio e a televisão estão entre os mais comentados e compartilhados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atuais plataformas estão fazendo do meio a mensagem, pois, os encontros científicos agora são nas telas. Há um efeito social desse chamado “Novo Normal”. Perde-se evidentemente, na convivência física, nos contatos, na interação, porém, não se perde a ideia da absorção de conhecimento ainda que para se atingir isto, o processo de informação circule pelo espaço virtual que demanda suportes específicos de acesso como aparelhos tecnológicos, serviços de internet e área de cobertura. Apesar disto, há ganhos, já que a participação pode se configurar ativa sem que para isto haja outros fatores a conjugar como deslocamentos, disponibilidade de agenda e custos.

Estamos na aldeia global e por um lado isto é positivo. Eliminam-se, neste momento, as fronteiras e a possibilidade de maior diálogo e trabalhos conjuntos aumentam, inclusive, propiciando o atendimento de certas premissas do desempenho acadêmico como o critério da internacionalização dos Programas de Pós-Graduação.

O pensamento de McLuhan aplicado ao momento o mantém como literatura clássica. Isto também se aplica a John B. Thompson ao pensar que o meio e os usuários se inserem, afinal, não fosse a tecnologia atualmente, nossas vidas estariam mais paradas – isoladas talvez – e muitas das nossas atividades não estariam acontecendo.

Essas condições mais o papel dos indivíduos e o avanço das tecnologias com os suportes que o Digital oferece, sinalizam à Comunicação o reconhecimento da opinião pública e o crivo de seus pesquisadores já que existem objetos que produzem conhecimentos próprios a ponto de prospectar perspectivas teóricas que denotam situações específicas da condição de comunicar. À medida que agora buscamos o contato com o outro, o campo oferece nuances de que podemos estabelecer trocas e permitir com que essas experiências se solidifiquem.

As *lives* vieram para mostrar o que se produz e como se produz levando o conhecimento a espaços distintos. Foi nisso que as duas entidades analisadas neste trabalho acreditaram e tiraram ganhos. Ao Ciespal, elas parecem oferecer uma espécie de revitalização porque a entidade se fez mais presente e atual deixando aquela característica apenas de memória e tradição na formação de pesquisadores. E a Intercom mantém suas atividades se ajustando ao momento para reforçar seu papel de sociedade científica sempre atuante e necessária para a legitimação do campo da Comunicação.

## REFERÊNCIAS

ANDERY, M. Amália et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 6. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 1996. 436p.

CANAL INTERCOM. [São Paulo]: Youtube.

COHN, Gabriel. **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Edusp/Cia. Ed. Nacional, 1971.

CASTELLS, Manuel. Trad. Roneide Venâncio Majer. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura**, 1 v. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271p.

FEYERABEND, Paul. **Adeus à razão**. São Paulo: UNESP, 2010. 399p.

GARCÍA, Rolando. **Sistemas complejos: conceptos, método y fundamentación epistemológica de la investigación interdisciplinaria**. Barcelona: Gedisa, 2006. 200p.

INTERCOM – PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO. [São Paulo]. Facebook.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria e metodologia da comunicação: tendências do século XXI**. São Paulo: Paulus, 2014. 542p.

MORAIS, Osvando J. McLuhan desdobrado: teorias, conceitos, tecnologias e rupturas. *Revista Internacional de Comunicación y Desarrollo*. n. 11, p. 22-29.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. *La Investigación Científica: Epistemología y marco conceptual en Rolando García*. In: GONZÁLEZ, Jorge A. (org.). **No está muerto quién pelea!** Homenaje a la obra de Rolando V. Garcia. México: UNAM/CEIICH, 2018.

PORTAL do Ciespal. **Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina**. Quito, Equador. Disponível em: [www.ciespal.org](http://www.ciespal.org). Acesso em: 2 jul. 2020.

PRATA, Nair. **Lives Cátedra Intercom - Balanço da série e chamada para projeto derivado** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por [nairprata@uol.com.br](mailto:nairprata@uol.com.br) em 8 jul.2020.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade num mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.